

Fragmentação Socioespacial Urbana: tendências em uma cidade de porte médio

Urban Socio-spatial fragmentation: trends in a medium-sized city

Afonso Muzzo Alves

Universidade Estadual Paulista, Ourinhos, SP, Brasil

muzzoalves@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1439-6467>

Luciano Antonio Furini

Universidade Estadual Paulista, Ourinhos, SP, Brasil

luciano.antonio@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0754-3844>

RESUMO

As pesquisas sobre fragmentação socioespacial urbana ganharam relevância a partir das novas configurações urbanas, geradas pela lógica econômica vigente e seus diferentes desdobramentos. A cidade passa a apresentar não somente espaços segregados, mas também, processos que fragmentam sua estrutura e revelam novas constituições no espaço social, quando as formas e as funções são redefinidas em descontinuidades que acirram seletividades e formas de negação do outro, apontando para caminhos distintos do direito à cidade. Considerando a importância desta problemática e a complexidade da rede urbana brasileira, é importante analisar em que tipos de cidades esse processo ocorre. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é identificar tendências do processo de fragmentação socioespacial no âmbito de uma cidade de porte médio, Ourinhos (SP), que exerce importante papel regional, porém, não apresenta as características de uma cidade média com relevante papel de intermediação na rede urbana. Tendo como base metodológica levantamentos bibliográficos e documentais, trabalho de campo e observações, caracterizamos os padrões socioespaciais da cidade, como a localização de equipamentos urbanos, empresas, instituições e condomínios residenciais fechados, entre outros, buscando identificar a natureza das desigualdades socioespaciais existentes. Os resultados mostram um conjunto de dados que ao serem analisados revelam mudanças como: alterações recentes na estruturação da cidade, mudança do padrão de localização residencial dos cidadãos e tendência de ocorrência de novas centralidades e geração de espaços seletivos, elementos característicos na identificação da lógica fragmentária.

Palavras-chave: Cidade, Espaço urbano, Fragmentação socioespacial, Ourinhos.

ABSTRACT

The urban socio-spatial fragmentation researches are acquiring relevance as new urban patterns are appearing, increased from a set of economic changes and their many consequences. The city is experiencing new society's structures, as segregated areas, showing the process that split up its structures, bringing new frameworks, redefined by selective areas that denies inclusion, defining unequal access to urban perimeter, pointing to distinction in the rights to the city. Considering the importance of these issues and complexity of Brazilian urban network, it's essential to analyze in which cities this events are occurring. This article purposes identify socio-spatial fragmentation tendencies in Ourinhos (SP) a medium-sized city that plays an important role for its region, but isn't central, connecting cities into regional urban network as a middle-sized city. The methodology is bibliography and documental surveys, field work and observation to collect data, defining urban socio-spatial patterns, as mapping out where urban facilities, enterprises, institutions and gated communities are situated, as evidences for this socio-spatial unequal nature. The findings demonstrate an arrange of considerations and data that shows changing aspects as: the urban structure has recently changed, the citizen's residential areas are changing, revealing new patterns, rising up tendencies as new centers into the region and selective areas, evidencing features of non-inclusive practices.

Keywords: City, Urban space, Socio-spatial fragmentation, Ourinhos.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido no contexto das pesquisas da série “Conjuntura Ourinhos” realizadas pelo Grupo de Pesquisa sobre Processos e Dinâmicas Territoriais da Universidade Estadual Paulista (DITER). O que contribuiu para uma análise mais abrangente sobre a cidade e seu papel regional, já que as pesquisas conjunturais sobre as cidades apresentam potencialidades singulares de se proceder com estudos mais aprofundados sobre problemáticas que se mostraram mais relevantes no contexto atual.

Os modelos clássicos de representação da estrutura urbana, como os que foram propostos por autores da Escola de Chicago, apresentam formas de segregação e diferenciação intraurbana que remetem aos diferentes padrões de localização de determinadas classes e funções na cidade. Diferentes tendências lançaram maior nível de complexidade sobre estudos urbanos em torno do tema da estruturação e reestruturação das cidades, refletindo as peculiaridades das sociedades. Em meio ao processo de segregação espacial, característico das cidades, novas formas de diferenciação surgem e agravam a precária sociabilidade que sobrevive nos espaços intraurbanos. A vida e o cotidiano dos cidadãos passam a ser redefinidos por certa maximização da diferenciação socioeconômica efetivada no distanciamento ou fechamento das interações sociais. Os níveis de individualismo e seletividade dos usos e apropriação dos espaços das cidades apontam para uma nova lógica fragmentária que se manifesta no contexto da segregação socioespacial.

Em geral, o processo de fragmentação socioespacial pode ganhar força a partir de contextos urbanos mais complexos, em que cidades médias e grandes são referências mais evidentes para a identificação desses. Isso não descarta a possibilidade de identificação desta tendência à fragmentação em cidades de porte médio¹.

As pesquisas sobre fragmentação socioespacial urbana ganharam relevância a partir das novas configurações urbanas, geradas pela lógica econômica atual em seus diferentes desdobramentos. A cidade passa a apresentar não somente espaços segregados, mas também, processos que fragmentam sua estrutura e revelam novas constituições no espaço social, quando as formas e as funções são redefinidas em descontinuidades que acirram seletividades e formas de negação do outro, apontando para caminhos distintos do direito à cidade.

Considerando que a fragmentação abarca inúmeras formas de exclusão e diferenciação socioespacial, é relevante situar os limiares em que ela se manifesta, pois só assim é possível caracterizar adequadamente os processos que fazem parte tanto de sua gênese, quanto de seus desdobramentos nas formas e práticas urbanas. A complexidade da fragmentação socioespacial está justamente pautada nos novos arranjos de estruturação das cidades, que por sua vez lançam novos desafios para o entendimento das problemáticas recentes, próprias da consonância de vários processos e lógicas presentes nas cidades.

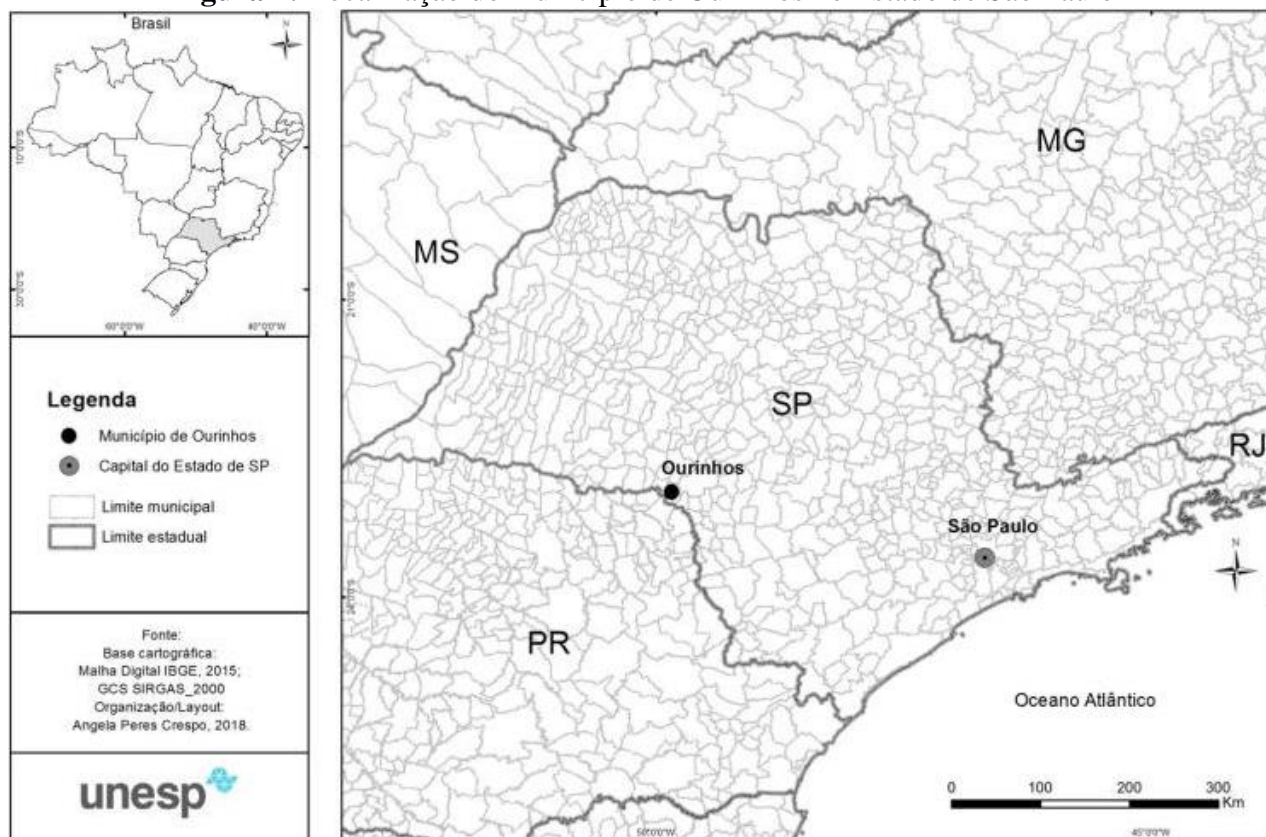
Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar se há indícios da tendência à fragmentação socioespacial na cidade de Ourinhos. Para tanto, selecionamos procedimentos metodológicos que permitam identificar se as novas formas, estruturas, funções e processos espaciais, presentes na cidade apontam para tal tendência. Desse modo, realizamos o levantamento bibliográfico e documental, trabalho de campo, compondo um conjunto de dados e observações que ao serem sistematizados cartograficamente revelam resultados importantes, os quais foram analisados a partir do referencial teórico.

¹ Estamos diferenciando “cidades médias” – como caracterizadas nos estudos de Sposito (2013), de “cidades de porte médio”, que não possuem a dinâmica nem exercem os mesmos papéis de cidades médias. Neste estudo, classificamos Ourinhos como uma cidade de porte médio.

2. UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Localizada no sudoeste do estado de São Paulo (**Figura 1**), Ourinhos, apresentava em 2010 uma população de 103.035 habitantes, segundo pesquisa do IBGE (2010), e uma população estimada em 2018 de 112.711, (IBGE, 2018). Segundo o estudo de Regiões de influência das cidades, o município está no terceiro nível da classificação hierárquica dos centros urbanos² (IBGE, 2008). Em âmbito estadual, Ourinhos participa como centro sub-regional, no rol dos municípios que constituem os centros regionais isolados, cumprindo importante papel regional (SÃO PAULO, 2011).

Figura 1: Localização do município de Ourinhos no Estado de São Paulo



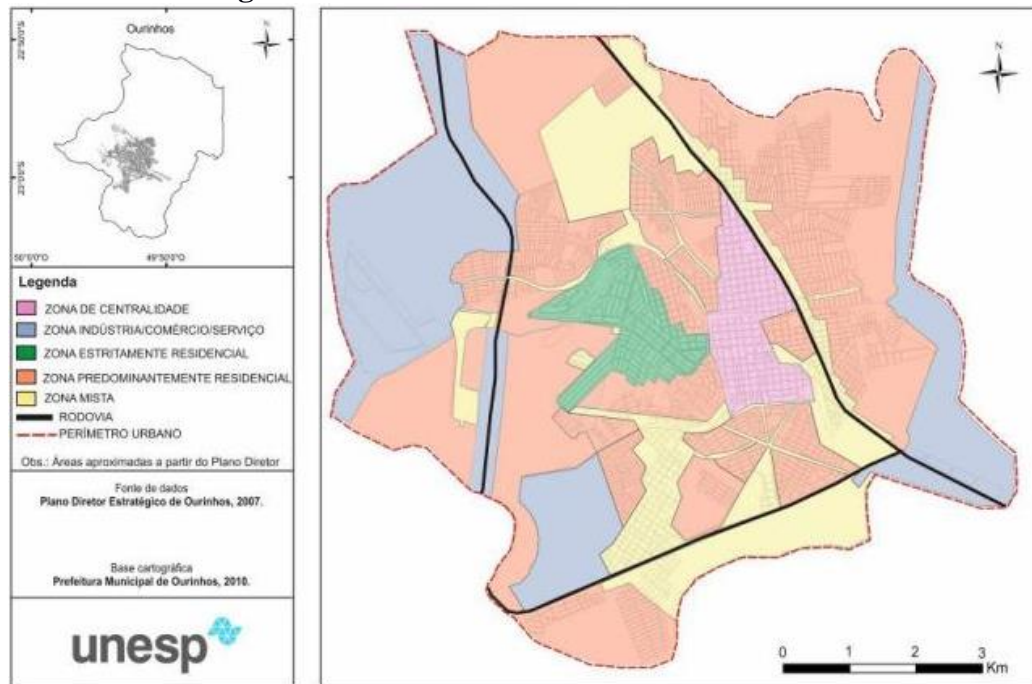
Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Considerando as especificidades da cidade de Ourinhos, observamos como o processo de segregação se redefine em meio aos vetores de fragmentação. Um primeiro elemento da segregação espacial pode ser buscado na própria normatização relativa ao planejamento urbano, em que a delimitação do perímetro urbano e os macrozoneamentos, segundo os usos do solo, refletem certa lógica da estruturação da cidade. No caso de Ourinhos as zonas estritamente residenciais que, em geral, estão mais preservadas de potenciais atividades comerciais e industriais, são as mesmas áreas em que estão concentradas as parcelas da população com mais alta renda (**Figuras 2 e 3**). Fato que remete aos limites do uso e apropriação do espaço como um direito de todos, implícito nas próprias determinantes públicas contidas na legislação, pois reforça a possibilidade de localizar-se em melhores áreas no espaço urbano por meio do padrão de renda, particularmente no caso do local de moradia.

² Segundo o estudo da Regic (IBGE, 2008), as cidades brasileiras foram classificadas, hierarquicamente, a partir das funções de “comando” e influência, como também, em função da sua capacidade de atratividade para suprir demandas por bens e serviços na rede urbana. Tal hierarquia, é composta por uma classificação dividida em cinco grandes níveis: 1) Metrópoles; 2) Capitais Regionais; 3) Centros Sub-Regionais; 4) Centros de Zona e; 5) Centros Locais. Sendo que, Ourinhos é classificada como Centro Sub-Regional.

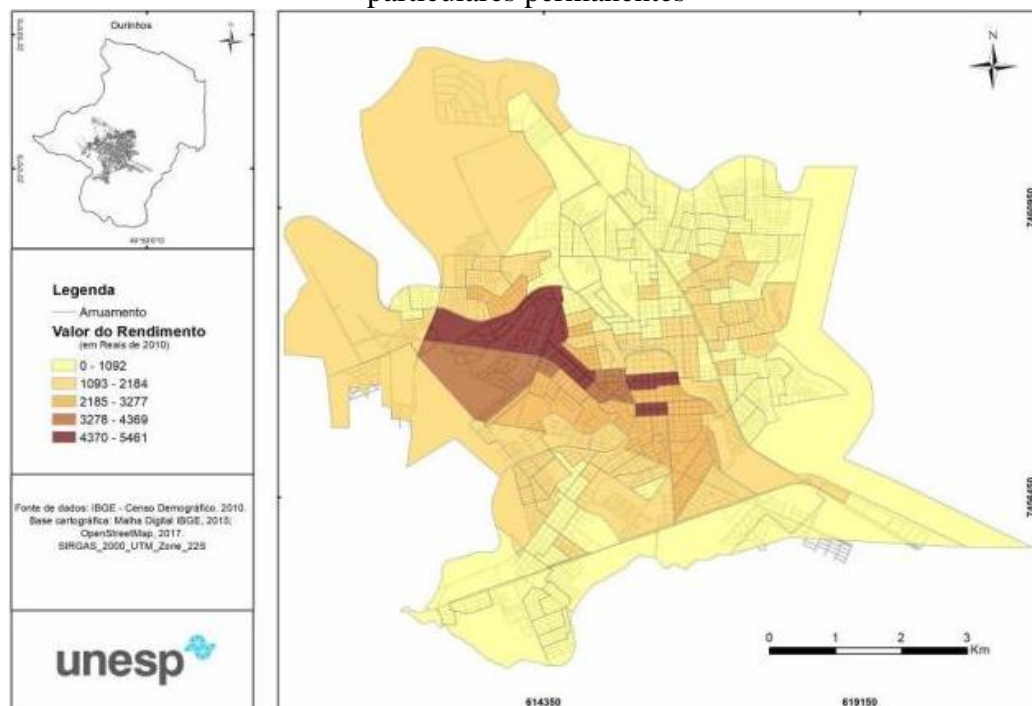
A própria lógica da localização na cidade guarda padrões distintos em relação à distribuição de renda por cor de pele (**Figuras 3 e 4**). Assim é possível apontar com certa precisão áreas em que os perfis de pessoas de determinada renda e cor de pele podem se localizar. Esta cidade de porte médio apresenta, assim, menor complexidade de localização no que diz respeito ao padrão de segregação residencial. Ao analisarmos os novos produtos imobiliários e as novas tendências de uso e apropriação do espaço da cidade, buscamos identificar se essa lógica está se alterando.

Figura 2: Perímetro Urbano e Macrozoneamento



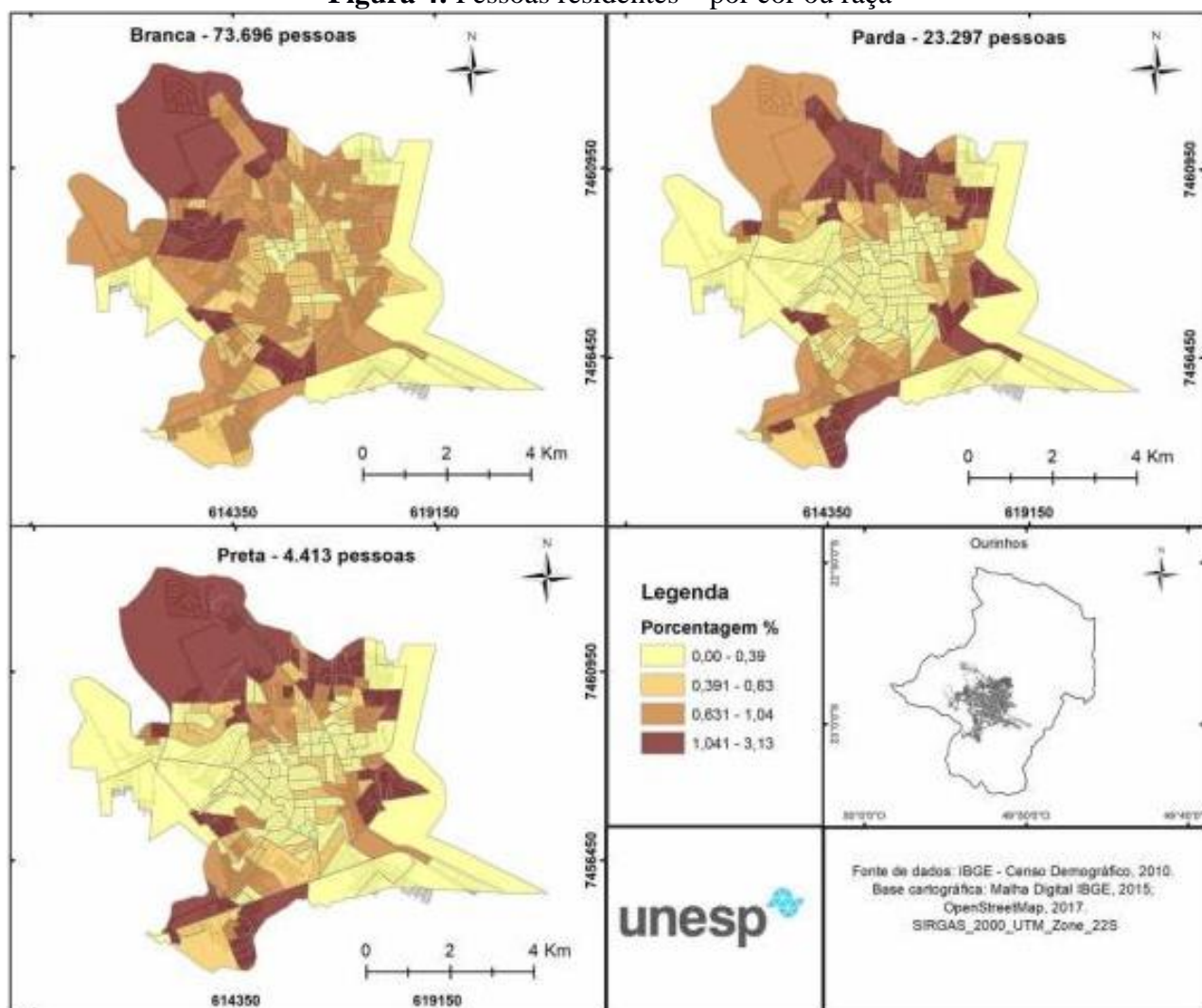
Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Figura 3: Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Figura 4: Pessoas residentes – por cor ou raça



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

3. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

Como ressaltado por Dal Pozzo (2011), para a compreensão das especificidades da fragmentação socioespacial é necessária uma discussão prévia dos conceitos de diferenciação e de segregação socioespacial. A diferenciação, essencialmente, implica em relações e articulações interdependentes entre áreas e grupos distintos, estabelece uma divisão social e econômica dos setores que constituem o espaço urbano. O viés mais marcante da diferenciação é a exclusão do acesso a serviços e infraestruturas, bloqueando as oportunidades para a ascensão social. “Mas, por outro lado, a diferenciação tem a capacidade de produzir comunidades distintas, cada uma com características e valores próprios” (NEGRI, 2008, p.138-141).

A diferenciação espacial é marcada, também, pela presença de espaços residenciais abertos contínuos com o restante da malha urbana, que se distinguem socioespacialmente pela própria predominância de famílias de certa classe socioeconômica. Entretanto, mesmo separados espacialmente, as relações, sejam conflituosas ou não, estão presentes na dinâmica da cidade (NEGRI, 2008); (DAL POZZO, 2011).

O processo de segregação socioespacial aparece a partir do momento que a sociabilidade torna-se cada vez mais escassa na vivência do urbano. Um nível de ruptura no qual as relações são negadas, dificultando a integração dos diferentes setores sociais, o que torna a cidade mais seletiva. A segregação, particularmente a residencial, implica na diferenciação da localização dos segmentos

da sociedade por classe, e consequentemente em desiguais formas de acesso às facilidades da vida urbana, como: infraestruturas básicas, áreas de lazer e serviços públicos, como também, “isenções” aos problemas da cidade, o que inclui a violência urbana e as precariedades estruturais (NEGRI, 2008); (DAL POZZO, 2011). “A segregação separa e hierarquiza o tecido urbano, pela própria expressão da homogeneização do conteúdo social de uma determinada porção espacial” (DAL POZZO, 2011, p.272).

Analizando o espaço geográfico no contexto do modo de produção capitalista, a segregação socioespacial historicamente possibilitou (e ainda possibilita) a reprodução do controle social. Através da segregação socioespacial, uma determinada classe ou grupo tem o “poder” de controle diante dos diferentes, de acordo com seus interesses (GAUDEMAR, 1977); (CASTELLS, 2000).

A dimensão econômica de produção do espaço urbano, portanto, torna-se fundamental para o entendimento das diversas tendências de segregação socioespacial, incluindo-se aquelas em que se reproduziu no espaço urbano brasileiro como a segregação residencial (segregação pelo tipo e o padrão construtivo das habitações), a segregação baseada no padrão centro (rico) - periferia (pobre) [...] (DAL POZZO, 2011, p. 273)³.

Em estudo realizado por Sposito e Góes (2013), sobre a proliferação de condomínios horizontais fechados em cidades médias paulistas, buscou-se compreender a dinâmica dessas cidades, que agora não mais se caracterizam por um único processo de segregação, pois a autosegregação surge como uma nova variável no estudo das relações e dinâmicas intraurbanas. A partir do estudo realizado, as autoras diagnosticaram que as três cidades selecionadas se posicionam hierarquicamente e exercem o papel de intermediação, entre as grandes cidades que ocupam o topo hierárquico da rede urbana e as pequenas aglomerações posicionadas na base dessa hierarquia; embora seja importante destacar também, a existência de níveis de relações heterárquicas⁴. Se tratando de cidades médias, as autoras não se preocuparam somente com o porte demográfico, mas também com elementos qualitativos desses territórios, onde as complexidades intraurbanas e interurbanas desempenham um papel diferencial em relação a outras localidades.

[...] para se compreender a realidade contemporânea, não apenas nas metrópoles, mas em cidades de diferentes portes e que têm níveis diversos de complexidade na combinação de seus papéis urbanos, pode-se falar de um processo que não é mais apenas de segregação socioespacial, nela incluída as iniciativas de autosegregação. Trata-se de aprofundamento das desigualdades, negando as possibilidades de diálogo entre as diferenças, o que justifica a adoção da noção de fragmentação socioespacial (SPOSITO, 2011, p.142).

O Conceito de fragmentação socioespacial guarda em sua essência a ideia de aprofundamento dos processos inerentes à segregação socioespacial, reforçando tal visão, o aumento do número de condomínios fechados possibilita pensarmos em um novo modelo de ruptura socioespacial. A segregação acaba se transformando em um conceito restrito, por não dar conta das novas complexidades das práticas presentes nas cidades. Tanto o processo de reestruturação das cidades de padrão metropolitano (que se iniciou em geral, a partir da segunda metade do século XX),

³ Tal representação, foi elaborada a partir dos dados do próprio Plano Diretor do município, como consta na fonte de dados.

⁴ O termo heterarquia contempla não só a estruturação hierárquica da rede em sua funcionalidade, reconhece-se dentro dessa perspectiva as funções e os papéis que as cidades exercem na rede urbana, sendo resultado das articulações entre as distintas escalas geográficas (CATELAN, 2012. p. 60-61).

quanto às reestruturações que as cidades de menor porte vêm sofrendo recentemente, onde as expressões de fragmentação socioespacial são mais recentes ainda (SPOSITO e GÓES, 2013).

Neste texto a abordagem envolve, principalmente, as noções de cidades de porte médio e cidades médias. A primeira é definida geralmente a partir de critérios demográficos e em referência ao modo como se diferenciam de centros urbanos de menor porte ao apresentarem vantagens locais. Stamm *et al* (2013) descreve, a partir de extensa referência bibliográfica, as principais especificidades das cidades de porte médio e suas transformações no contexto da rede urbana brasileira. Já a segunda noção remete, entre outras características, aos papéis que a cidade cumpre nos âmbitos intra e interurbanos, como aquele de intermediação entre cidades, ou, ainda, os papéis políticos, econômicos, administrativos, comerciais e industriais e suas influências na rede urbana, características que podem ser analisadas mais profundamente em Sposito (2007), obra que apresenta uma série de estudos sobre natureza diferenciada das cidades médias em relação às cidades de porte médio em geral. Considerando estas duas noções e reconhecendo que a dinâmica das cidades médias permite identificar maior número de fatores relacionados à fragmentação socioespacial urbana é que optamos por relacionar a configuração espacial da cidade de Ourinhos com a noção de cidades médias.

Quando falamos de fragmentação socioespacial, a ideia de autoss segregação se destaca novamente. No âmbito das cidades de porte médio brasileiras, no estado de SP, esse fenômeno inicia-se por volta da década de 1970, e já na década de 1990 a autoss segregação se consolida como uma prática mais comum, se configurando uma nova opção de moradia (espaço residencial fechado e de acesso restrito) predominantemente entre os segmentos de alto e médio poder aquisitivo (DAL POZZO, 2011, p. 280). Particularmente em relação aos segmentos de médio poder aquisitivo, nas cidades médias, a viabilidade do acesso a espaços residenciais fechados é o principal fator que contribui para a significativa participação dessa classe socioeconômica no consumo de empreendimentos do gênero, fator que parece ser um diferenciador em relação ao que ocorre nas regiões metropolitanas.

Nas décadas de 1970 e 1980, período em que a autoss segregação estava em sua fase embrionária, prevalecia nas cidades a segregação imposta, forçando a parcela da população menos privilegiada a ocupar as zonas mais periféricas do tecido urbano, com isso o perímetro urbano era claramente demarcado por uma lógica de hierarquização, centro – periferia; cujo marcador é a concentração de renda, destinando o centro aos ricos e a periferia aos pobres. Nos anos seguintes, com a influência do neoliberalismo em consonância com novas formas de produzir o espaço urbano e de como organizá-lo, nos deparamos com um nível de complexidade maior acerca da segregação socioespacial, agora exigindo a incorporação da análise da autoss segregação (DAL POZZO, 2011); (SPOSITO; GÓES, 2013). Mas quem promove esta autoss segregação?

Segundo Corrêa (2005), a articulação entre diferentes agentes de produção do espaço urbano, especificamente os promotores imobiliários em conjunto com os proprietários de porções de terras urbanas ou mesmo rurais, têm a capacidade de fomentar a demanda solvável, efetivando assim, a autoss segregação de grupos específicos. A concretização desses empreendimentos residenciais fechados se dá, na maioria dos casos, em áreas potenciais de expansão do perímetro urbano.

Corrêa (2005) mostra que a convergência de interesses dos proprietários fundiários, dos promotores imobiliários e da indústria da construção civil em produzir habitações direcionadas aos segmentos de alto e médio poder aquisitivo, se dá pela vantagem de se produzir uma mercadoria com um valor de uso muito superior, quando comparadas a empreendimentos voltados a segmentos populares, visto que, a maior parte dessa população apresenta um rendimento muito baixo.

A produção desses imóveis traz consigo diferenciais importantes, o próprio preço elevado da terra proporciona *status*, as amenidades naturais proporcionam bem-estar, além, de configurarem distanciamento das áreas centrais. No entanto, a escolha da localização guarda peculiaridades entre os segmentos médios e mais ricos.

Assim, os grupos sociais médios, começam uma batalha para não perder o seu lugar na estrutura social; isso levou à manifestação de colônias fechadas em espaços urbanos com nuances economicamente médias ou baixas, ou seja, essas colônias são inseridas em espaços relativamente acessíveis economicamente, mas com as vantagens das infraestruturas urbanas oferecidas pelos municípios (serviços, transporte, etc.); muito contrário aos ricos, que escolhem isolar-se em sua totalidade, mesmo que isso implique, em gerar seus próprios serviços urbanos e estradas (GUZMÁN RAMÍREZ; HERNÁNDEZ SAINZ, 2013, p. 46, tradução nossa)⁵.

A compensação da distância com os núcleos centrais é dada em forma de infraestruturas viárias (avenidas e marginais – vias de acesso largas) incentivando o transporte individual expresso e, claro, a segurança, os muros são fortificados e dotados de sistemas de segurança, monitoramento 24 horas e vigilância.

Por que a necessidade de sistemas de segurança tão rígidos? Para Sposito e Góes (2013), o principal argumento utilizado pelos moradores ou consumidores desses enclaves é a sensação de insegurança urbana, a busca por maior segurança traz esses grupos para dentro desses espaços. Na obra, as autoras procuram responder se realmente a questão da violência urbana justifica as escolhas desses grupos, e o que se apresenta por meio de dados é que, ocorre uma exacerbação da sensação de perigo. Nesse cenário a mídia tem um papel fundamental, pelo menos na fala dos moradores entrevistados, os promotores imobiliários diante dessa realidade veem uma oportunidade de negócios, focando nos produtos imobiliários e os direcionando para potenciais consumidores que assimilaram essa sensação de insegurança (SPOSITO; GÓES, 2013). As autoras ainda resgatam o conceito de *violência simbólica* de Bourdieu, que se constitui numa violência que não se realiza diretamente e nem sempre é sentida por sua vítima. Acaba se configurando na violência da indiferença aos outros (aos diferentes) (SPOSITO; GÓES, 2013, p.168).

Os limites do papel do estado na sociedade contemporânea realimentam e, ao mesmo tempo, incentivam práticas individualizadas. Cada vez mais busca-se soluções individualizadas para problemas ou supostos problemas urbanos. O que se reivindica é a inclusão pelo consumo e não mais pelos direitos (BOURDIEU, 2007).

A busca por homogeneidade espacial nos leva a pensar nas novas práticas espaciais, nos novos modos de viver, nos novos valores que fazem parte da cidade contemporânea. A demanda criada para residir em espaços fechados transforma as cidades não só no espaço da diferença, mas também no espaço das indiferenças. Aprofundando e agravando os problemas já existentes. Esse novo padrão de assentamento urbano sustentado pela autoss segregação, leva-nos a questionar o que determinados indivíduos e/ou classes sociais procuram, como procuram e porquê procuram um modelo baseado na ruptura das relações sociais e espaciais com outros grupos e outros espaços (SPOSITO; GÓES, 2013). Sem esquecer que o acesso a esses espaços fechados é filtrado essencialmente por conjunturas socioeconômicas:

[...] a discussão do valor do espaço nos remete à ideia do espaço mercadoria, e à forma através da qual o espaço apropriado aparecerá como propriedade de alguém. Trabalhar com a forma de propriedade territorial significa estudar o caráter geral das relações espaciais de produção e o monopólio de certas pessoas que está pressuposto na propriedade e que dá a elas o direito de dispor de determinadas parcelas do espaço geográfico como esferas privadas, excluindo os demais membros da sociedade e

⁵ Tradução nossa de: “Así pues, los grupos sociales medios, comienzan una batalla por no perder su lugar en la estructura social; esto ha generado que comiencen a manifestarse colonias cerradas en espacios urbanos con matices económicamente medios o bajos, es decir dichas colonias se insertan en espacios relativamente accesibles económicamente, pero con las ventajas de la infraestructura urbana ofrecida por los municipios (servicios, transporte, etc.); muy al contrario de los ricos, que eligen aislarse en su totalidad, aunque esto implique, generar sus propios servicios urbanos y vialidades.”

determinando como tal parcela será utilizada e qual a classe social que irá desfrutá-la (CARLOS, 2005, p. 47).

A disseminação da lógica de repartição do solo em espaços fechados acaba por fomentar a fragmentação. Destacando três categorias de fragmentação, que segundo Janoschka e Glasze (2003), distinguem três modos de ruptura, a primeira categoria, intitulada 'fragmentação físico-material', corresponde às descontinuidades no tecido urbano, a segunda, denominada 'fragmentação social', significa a precarização dos espaços públicos ou o abandono desses espaços, há a tendência à isolamento social por meio de barreiras físicas (muros), deixando de lado e até mesmo negando a possibilidade de se relacionar com pessoas não pertencentes aos enclaves e, pôr fim, a 'fragmentação político-territorial' onde as regras do estado se tornam coadjuvantes quando comparadas às normas de espaços privados, que acabam por legitimar novas territorialidades no espaço urbano (JANOSCHKA; GLASZE, 2003).

4. ESTRUTURAÇÃO E RESTRUTURAÇÃO DA CIDADE

Ourinhos, na classificação do estudo das Regiões de Influência das Cidades (Regic), está no terceiro nível na classificação hierárquica dos centros urbanos (IBGE, 2008). No contexto do estado, Ourinhos participa como centro sub-regional, no rol dos municípios que constituem os centros regionais isolados, cumprindo importante papel regional (EMPLASA; SEADE, 2011).

Um elemento capaz de elucidar a representatividade da cidade em termos de funções dentro da rede urbana é a sua capacidade de intermediação entre cidades de menor porte e as cidades maiores. A classificação do Regic nos permite identificar a influência da respectiva cidade, porém, não identifica o grau de intermediação que a mesma exerce entre os demais pontos (FURINI, 2011, p. 04). Os papéis exercidos por Ourinhos a colocam como cidade de porte médio.

Para diferenciarmos uma cidade de porte médio de uma cidade média precisamos levar em consideração dados físico-demográficos (quantitativos) e qualitativos. Segundo Amorin (2016), as cidades médias detêm a capacidade de difusão do meio técnico-científico-informacional, intermediando o consumo no espaço urbano, posto isso, reconhece-se cidades médias como aquelas que cumprem uma função de intermediação mais dinâmica entre os demais pontos da rede urbana (FURINI, 2011, p. 05). O grau de sofisticação dos serviços que a cidade oferece se torna um componente essencial para analisarmos a abrangência e a importância desta rede. "A posição relativa de cada lugar é dada, em grande parte, em função das técnicas de que é portador o respectivo meio de trabalho. Dessa maneira, a técnica constitui um elemento de explicação da sociedade, e de cada um dos seus lugares geográficos" (SANTOS, 2008, p. 59). Por exemplo, mesmo a cidade de Ourinhos exercendo importante papel regional, ainda não se configura como um polo de expressiva capacidade de difusão como a cidade média de Marília, que é sede da Região Administrativa da qual Ourinhos faz parte.

O progresso científico-informacional durante a segunda metade do século XX e início do século XXI, trouxe consigo profundas mudanças, não só sociais e econômicas, como também na estrutura de produção do sistema capitalista:

[...] as novas características do modo de produção vigente se reproduzem nas práticas socioespaciais, nas transformações no papel do Estado, nas relações de trabalho, nos padrões de consumo global, entre outras, demonstrando uma íntima relação entre as transformações técnicas e econômicas e a redefinição de diversas dimensões da vida social, cujos efeitos desse fenômeno, resguardadas as devidas particularidades, foram vistos em todas as porções do espaço (ALVES, 2011, p.173).

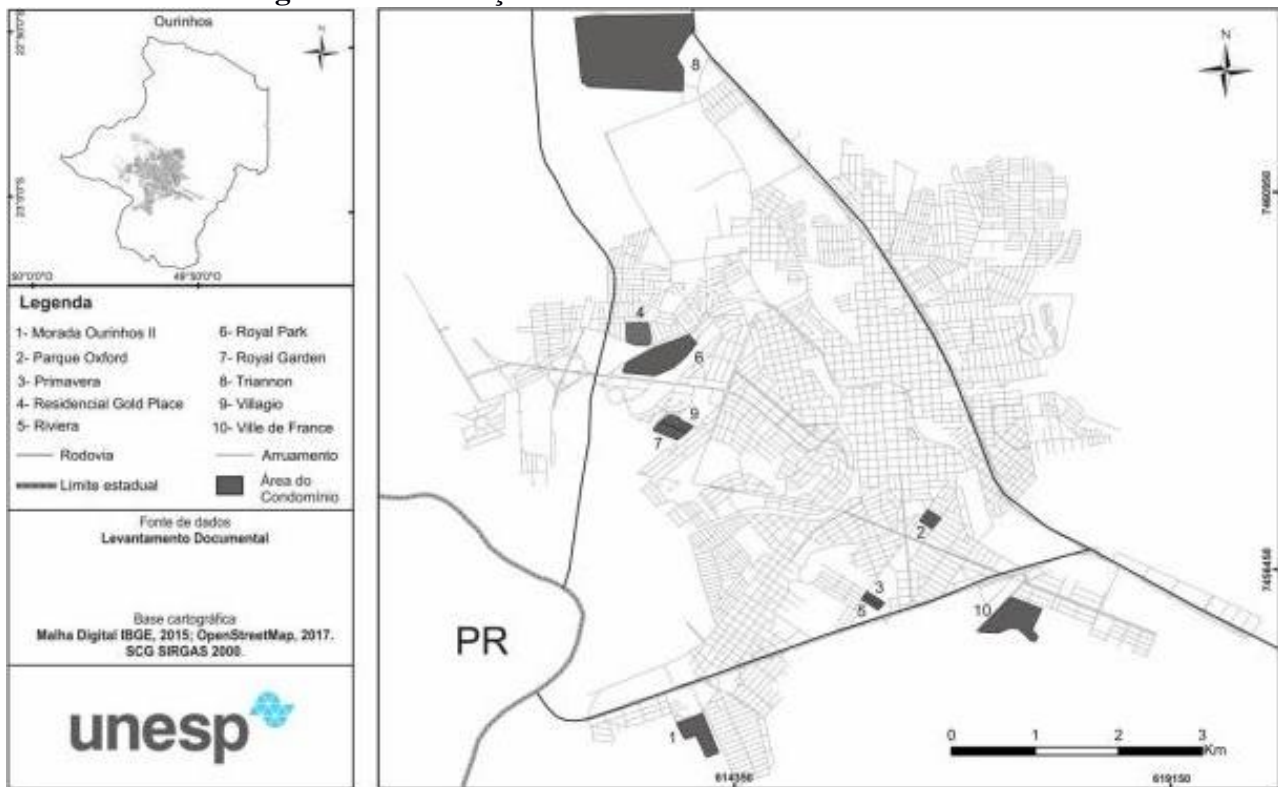
Segundo Alves (2011), essas mudanças propiciaram o surgimento de novas discussões diante dos processos de urbanização, reestruturação e refuncionalização das cidades. Tais

reestruturações encaminharam mudanças significativas no âmbito intraurbano nas cidades médias. Um exemplo se configura nos padrões de uso do solo dessas cidades, “tendo redefinições bem mais avançadas em termos de ocupação do solo, principalmente a alteração das formas urbanas, redefinindo o par dialético centro-periferia” (ALVES, 2011, p. 174).

Trazendo para o contexto atual de Ourinhos, nos últimos anos, a proliferação de espaços residenciais (fechados) de alto e médio padrão no município (**Figura 5**), trouxe à tona, no mínimo, a necessidade de um olhar mais cuidadoso com relação a possíveis processos de reestruturação intraurbana, ou mesmo, padrões de estruturação com dinâmicas diferenciadas de geração de novas centralidades.

Ainda segundo Alves (2011), a estrutura urbana se caracteriza pela concentração diferenciada das atividades, lugares distintos, que se integram através dos fluxos. Pela própria existência do conteúdo exclusivo de um determinado ponto em que se constitui a centralidade do espaço urbano, essa centralidade pode influir em escalas intra e interurbanas dependendo das características locais e regionais (ALVES, 2011, p. 176).

Figura 5: Localização dos condomínios residenciais fechados



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

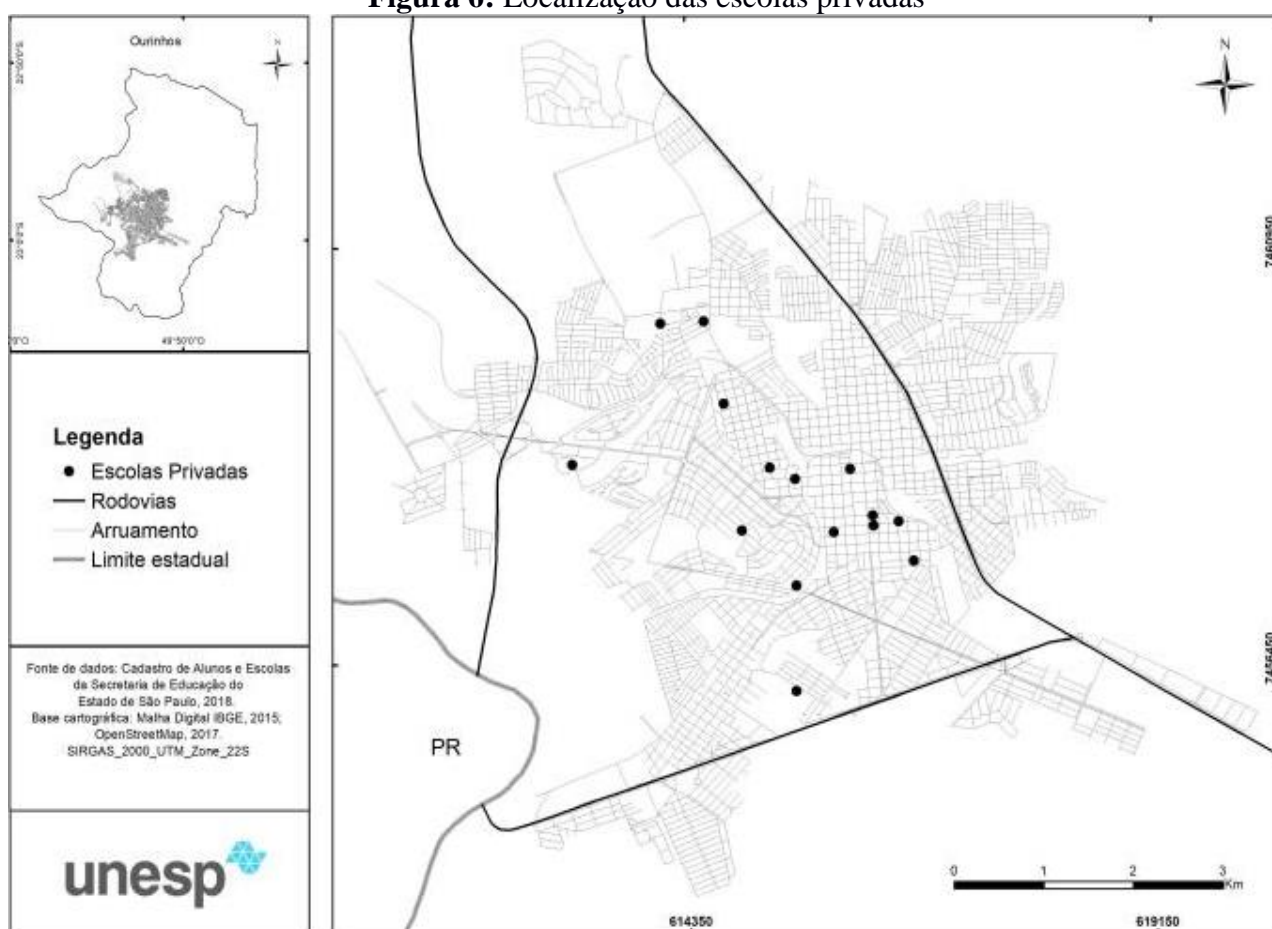
A centralidade como um amontoado de conteúdo, constitui-se a partir de ações sociais, nesse sentido, está suscetível a potenciais mudanças. Logo, novas centralidades podem surgir em distintos pontos. Entretanto, vale ressaltar que a expressão máxima desse processo de acumulação das atividades urbanas sempre esteve ligada ao núcleo central do tecido urbano, como apresentado por Lefebvre (1999, p.115) (mais adiante, voltaremos a tratar do padrão de localização das atividades de Ourinhos).

A análise da fragmentação socioespacial não se limita ao estudo comparativo entre padrões de segregação e diferenciações socioespaciais ao longo do tempo, abrange também, o padrão de localização dos equipamentos urbanos, sobretudo os de consumo. Dal Pozzo (2015) analisa a colocação de Roberto Lobato Côrrea da seguinte forma:

[...] deve-se asseverar que a fragmentação socioespacial não se trata de um processo que supera ou substitui a diferenciação e/ou a segregação socioespacial, mas, por outro lado, contribui - por meio do afastamento socioespacial entre as diferenças, no que tange às práticas de habitar e consumir a cidade - para modificar seus respectivos conteúdos, desvalorizando a diferenciação e sobrevalorizando a segregação socioespacial, sobretudo, em sua segunda forma de desdobramento, que é a autosegregação. [...] a fragmentação socioespacial é a expressão territorial de novas dinâmicas que envolvem, sobretudo, o processo de segregação socioespacial articulado às novas práticas espaciais reveladoras da segmentação do consumo do espaço urbano (DAL POZZO, 2015, p. 283).

O mapa a seguir (**Figura 6**), mostra o padrão seletivo que encontramos no espaço urbano de Ourinhos, mais especificamente ligados à localização de instituições de ensino privado (ensino fundamental e médio).

Figura 6: Localização das escolas privadas



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

A presença de novos empreendimentos (**Quadro 1**), pode gerar novas práticas de acordo com os tipos das atividades. Assim, de acordo com a origem do capital, o setor, a rede, a estratégia e o contexto econômico, os novos empreendimentos podem contribuir para refuncionalizar a estrutura das cidades. Nessa mesma direção, especificamente em relação ao dinamismo da economia urbana, Milton Santos chamou a atenção, em sua obra *O Espaço Dividido*⁶ (2004), para o fato de que os

⁶ Em *O Espaço Dividido*, originalmente publicado na década de 70, o autor elabora a teoria dos dois circuitos da economia urbana, a fim de compreender a especificidade da economia urbana do terceiro mundo (SANTOS, 2004).

estudos direcionados ao terceiro mundo necessitam levar em consideração que a cidade sofre duas influências distintas, de um lado o que o autor denomina de circuito superior, ou moderno e de outro o circuito inferior. Muitos elementos urbanos de diferenciação, desigualdade, segregação e fragmentação estão relacionados aos padrões destes circuitos.

Quadro 1: Ourinhos – Segmento empresarial segundo a data da inauguração

Ano	Segmento	Nome
*	Equipamentos e Infraestrutura	Shopping Cine Marti
*	Equipamentos e Infraestrutura	Aeroporto Ourinhos – SDOU
1943	Saúde/Hospitais	Santa Casa de Misericórdia de Ourinhos
1957	Indústrias	Cerâmica de Telhas Sta Barbara Ltda
1960	Ensino Superior	Faculdades Integradas de Ourinhos
1962	Transportes	Auto Viação Ourinhos – Assis / AVOA
1965	Indústrias	Indústria Mecânica Zanuto Ltda
1966	Equipamentos e Infraestrutura	FAPI - Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos
1976	Indústrias	Tecnal Ind. Eletrônica Com. e Repres. Ltda
1977	Empresas ligadas ao agronegócio	Nutrisul
1978	Equipamentos e Infraestrutura	Terminal Rodoviário de Ourinhos
1984	Saúde/Hospitais	Unimed
1988	Indústrias	Injex Indústrias Cirúrgicas
1990	Indústrias	Alliance - Indústria Mecânica Ltda
1991	Indústrias	Indústria e Comércio Colchões Castor Ltda
1992	Ensino Superior	Faculdade de Tecnologia de Ourinhos
1994	Lojas de departamento	Casas Bahia
1998	Empresas ligadas ao agronegócio	Agropecuária Ferreira
1999	Super/Hipermercados	Supermercados Avenida
1999	Lojas de departamento	Magazine Luiza
1999	Agentes Imobiliários	GSP Loteamentos
2001	Super/Hipermercados	Supermercados Pão de Açúcar
2002	Ensino Superior	Faculdade Estácio de Sá
2003	Ensino Superior	Universidade Estadual Paulista
2004	Indústrias	Injex Pen Ind. E Com. De artigos Plásticos Ltda
2007	Empresas ligadas ao agronegócio	Heringer
2010	Super/Hipermercados	Maitan Atacado e Varejo
2011	Concessionária Automotiva	Nissan
2011	Franquias	Mc Donald's
2011	Agentes Imobiliários	MRV Engenharia e Participações S.A.
2012	Super/Hipermercados	2ª Loja Supermercados Avenida
2012	Indústrias	Raízen
2012	Indústrias	Extech - Link Indústria Mecânica Ltda
2013	Hotéis (rede)	Rede de Hotéis IBIS
2016	Franquias	2ª Loja Subway
2018	Franquias	Domino's Pizza
2018	Lojas de departamento	Lojas Americanas
2019	Shopping center	Ourinhos Plaza
2019	Super/Hipermercados	Amigão Supermercados
2019	Franquias	Burger King

(*) Sem informação.

Fonte: Levantamento documental e trabalho de campo. **Org.:** Elaborado pelos autores (2019).

No que se refere à análise dos novos padrões de assentamentos e deslocamentos intraurbanos, principalmente quanto ao rearranjo espacial dos segmentos de alto e médio poder aquisitivo, a chegada de redes específicas condiciona uma certa reestruturação, não só espacial (de equipamentos urbanos), como também influencia diretamente a qualidade de sociabilidade entre diferentes grupos que compõem a cidade, visto que, a presença de determinados empreendimentos de consumo gera certa seletividade no consumo do espaço urbano.

Como apresentado anteriormente, um dos principais argumentos utilizados pelos consumidores de espaços residenciais fechados é a sensação de insegurança. Mas, neste caso, a violência no espaço intraurbano pode ser um trunfo nas mãos dos promotores imobiliários⁷ para alcançarem potenciais consumidores, disseminando assim, um novo padrão de assentamento (CORRÊA, 2005). A **tabela 1**, a seguir, mostra dados significativos em relação ao número de furtos na cidade de Ourinhos no ano de 2017, comparados com outras cidades brasileiras de mesmo porte.

Tabela 1: Número de homicídios e furtos

Município	Ano	Ocorrências de Homicídio Doloso	Ocorrências de Furtos em geral	Ocorrências de Furtos de Veículos	População
Jandira	2017	22	779	133	119.011
Ourinhos	2017	7	1.630	127	108.327
Salto	2017	7	966	250	112.449
Santana de Parnaíba	2017	7	487	56	129.502
Várzea Paulista	2017	10	849	174	116.785

Fonte: (SÃO PAULO; IBGE; SEADE, 2018). **Org.:** Elaborado pelos autores.

Um modo de legitimação da segmentação do espaço urbano se caracteriza pela própria ação do estado. Amorin (2016), em breve estudo sobre as características do Programa Minha Casa Minha Vida em duas cidades médias, destaca o processo de redefinição das dinâmicas intraurbanas, alinhado à lógica de segregação que se materializa na efetivação de conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda, em regiões mais afastadas do tecido urbano e carentes de infraestruturas básicas. Em Ourinhos, encontramos padrões de exclusão bem definidos, onde a localização desses empreendimentos destinados ao segmento mais carente da população encontra-se, também, nas bordas do perímetro urbano.

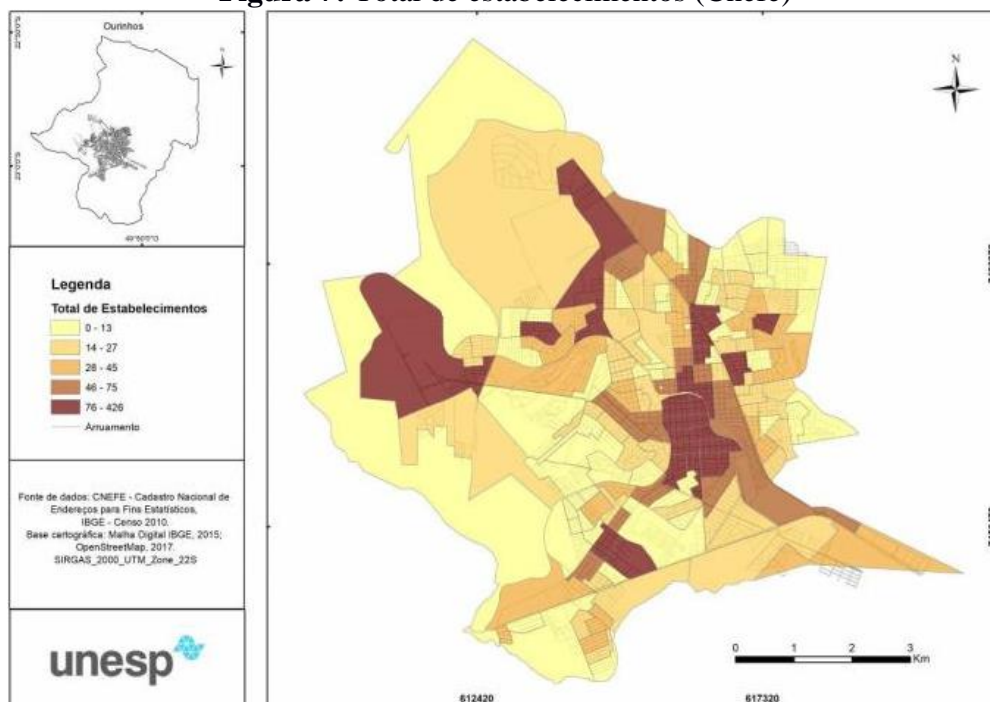
De acordo com todas essas variáveis, nos deparamos com diferentes processos inerentes à cidade moderna, que articulados, promovem novos modos de se pensar a cidade, pela própria redefinição da organização espacial. Os fatores que geram e reproduzem diferenciações no espaço urbano são provenientes de diversas matrizes e âmbitos socioespaciais, o que exige uma qualificação na caracterização, pois “as descontinuidades não se situam apenas entre as formações urbanas, mas também entre as relações mais gerais, entre as relações imediatas dos indivíduos e dos grupos (entre os códigos e os subcódigos)” (LEFEBVRE, 1999, p. 59).

5. DIFERENCIAÇÕES E DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS

Em relação ao uso do solo na cidade de Ourinhos, podemos observar as áreas de localização dos estabelecimentos (**Figura 7**), segundo o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (Cnfe), com indícios de coesão e áreas especializadas, conforme a abordagem de Corrêa (2005). Conhecendo os principais locais de concentração das atividades econômicas é possível identificar aspectos da segregação espacial e possíveis eixos de fluxos entre estes locais. A cidade, então, como fruto da divisão social do trabalho, apresenta espacializações diversificadas segundo suas formas e seus conteúdos em articulação.

⁷ Corrêa (2005), apresenta os agentes responsáveis pela produção do espaço urbano, entre eles os promotores imobiliários. Agora pensamos seu papel no processo de fragmentação socioespacial.

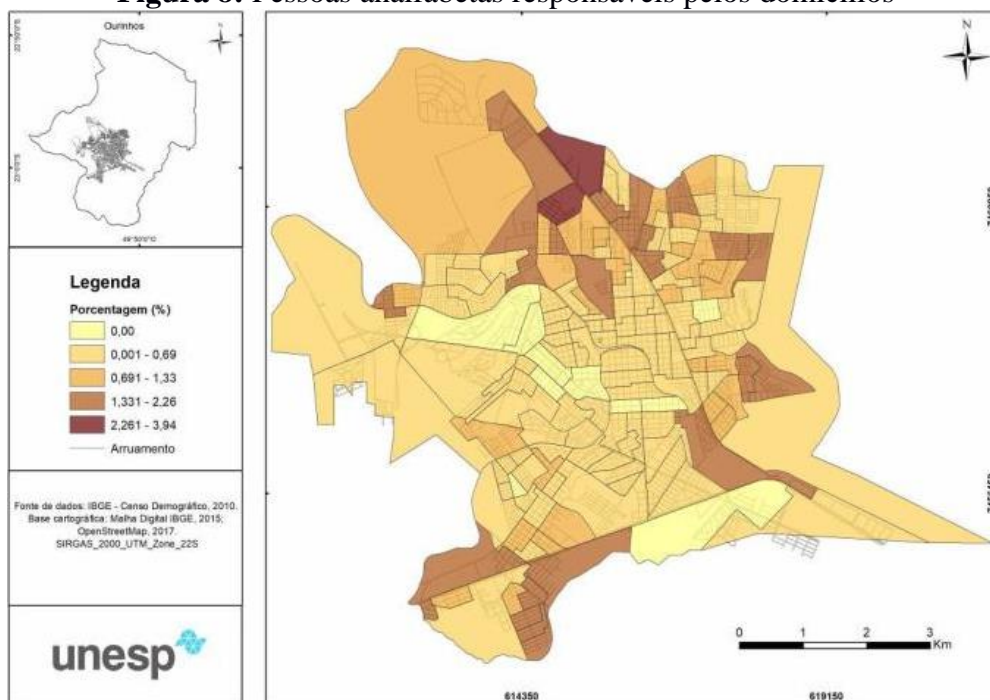
Figura 7: Total de estabelecimentos (Cnefe)



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

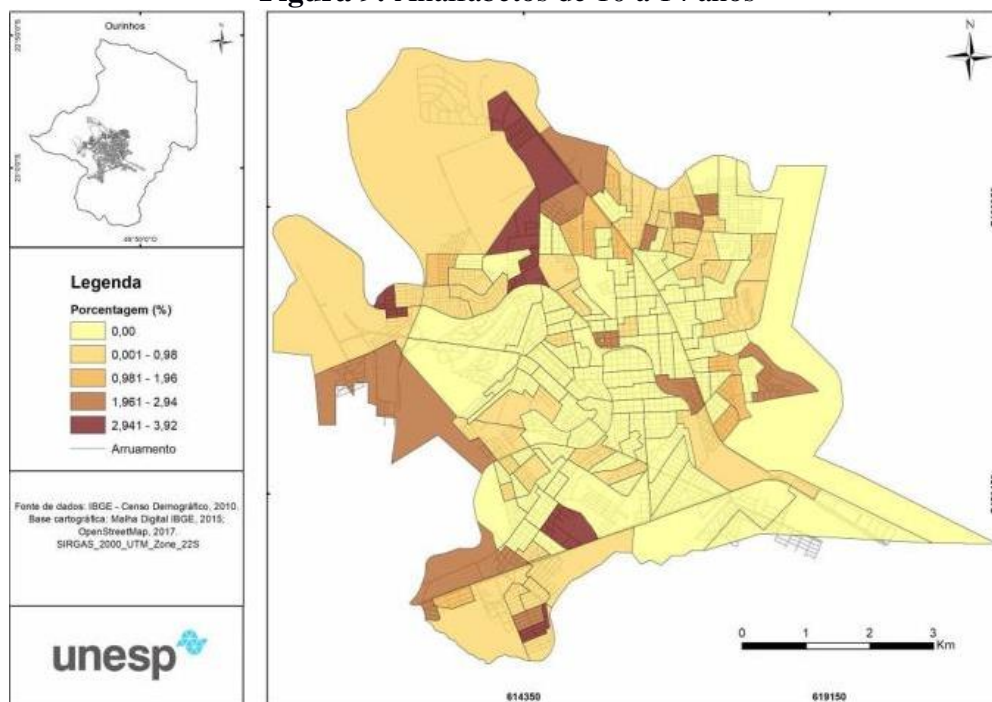
Por se tratar de uma cidade de porte médio e devido ao seu típico processo de expansão urbana, Ourinhos apresenta padrão espacial de desigualdade bem definido, desde a distribuição de analfabetos até a diferenciação por renda. A exclusão social fica evidente quando analisamos os mapas de analfabetismo, renda e estrutura dos domicílios (**figuras 8, 9, 10, 11, 12 e 13**).

Figura 8: Pessoas analfabetas responsáveis pelos domicílios



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

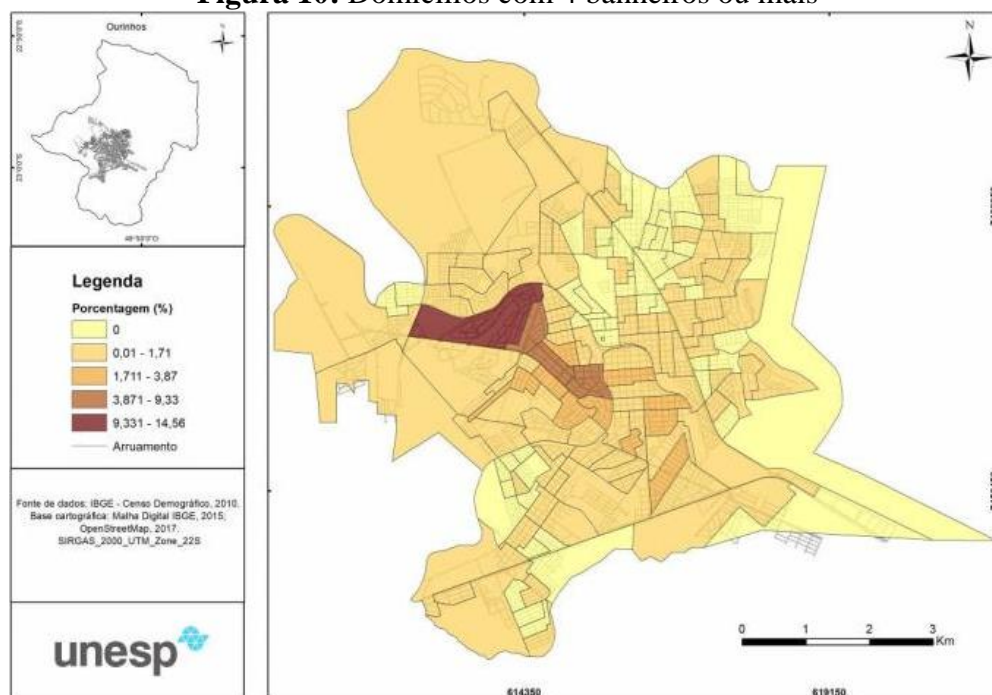
Figura 9: Analfabetos de 10 a 14 anos



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

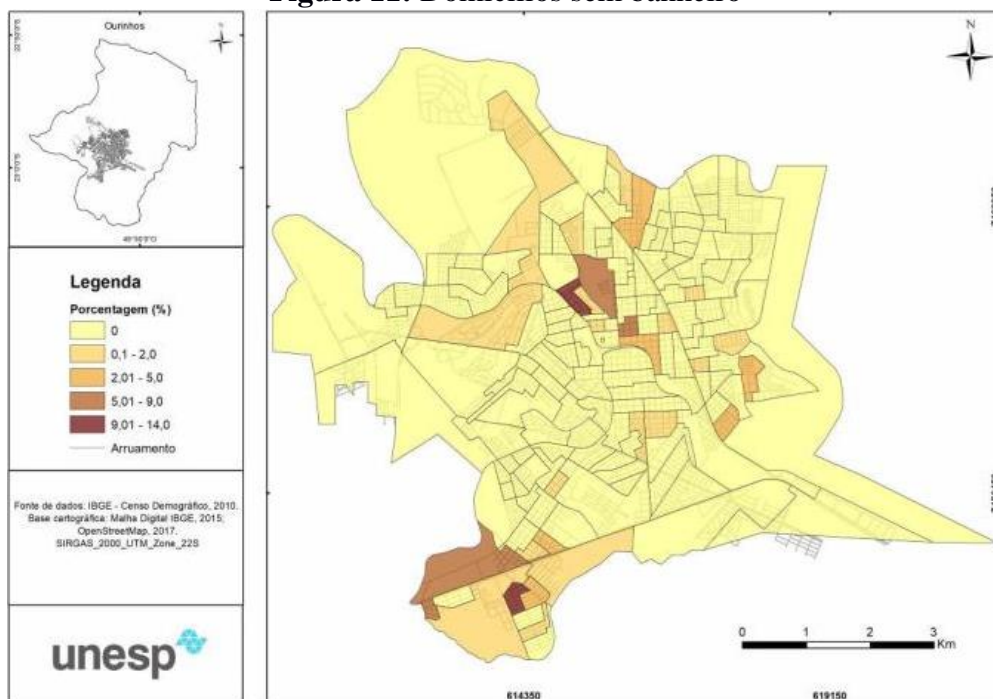
Com relação aos índices de analfabetismo no município, as áreas mais afastadas do centro (nas bordas do perímetro urbano) apresentam as taxas de analfabetismo mais elevadas tanto no grupo de 10 a 14 anos, como no grupo de responsáveis pelos domicílios. Os setores que apresentam menor índice de analfabetismo são justamente as áreas que apresentam maior rendimento nominal mensal como apresentado na **figura 3**. Paralelamente, em relação à infraestrutura dos domicílios, o acesso ao saneamento básico é diferenciado de acordo com a condição socioeconômica dos grupos como mostram os mapas das **figuras 10, 11, 12 e 13**, a seguir:

Figura 10: Domicílios com 4 banheiros ou mais



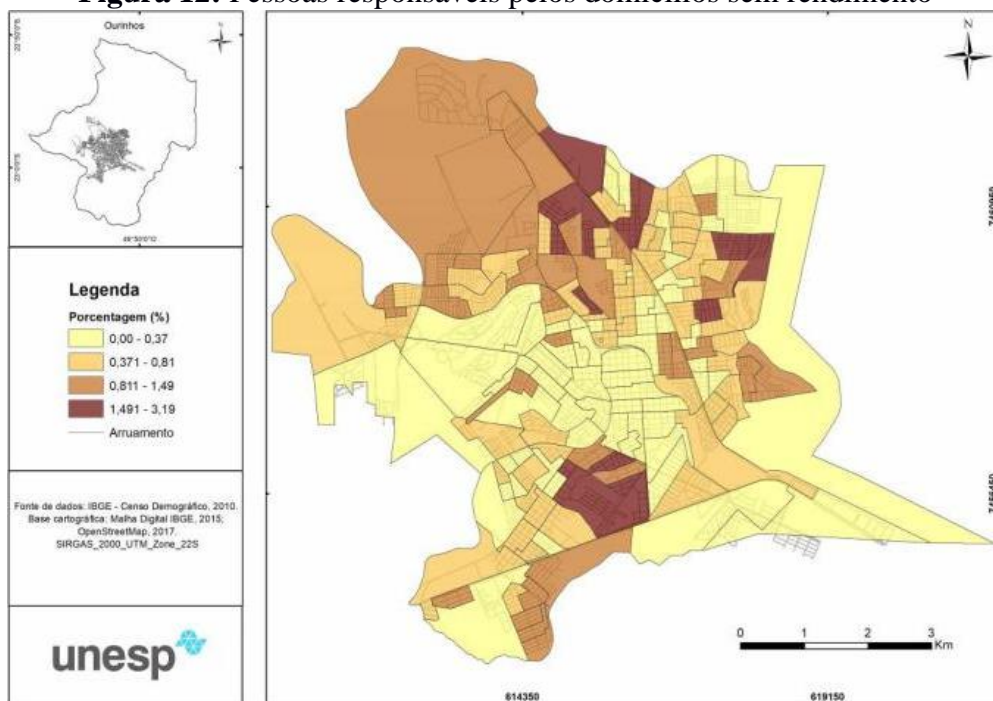
Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Figura 11: Domicílios sem banheiro



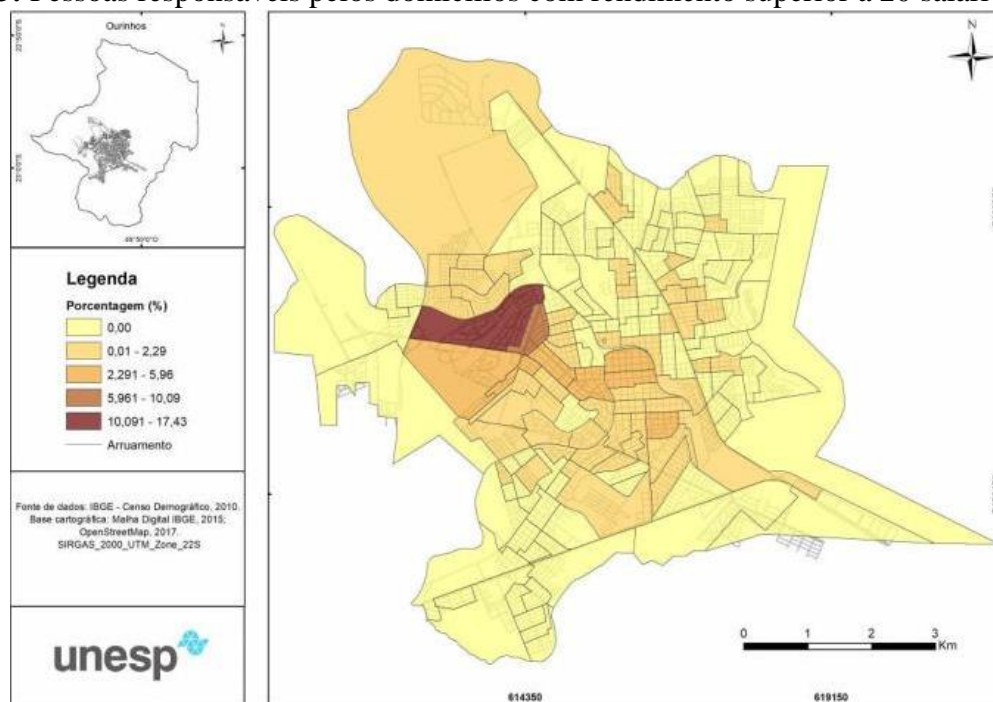
Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Figura 12: Pessoas responsáveis pelos domicílios sem rendimento



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Figura 13: Pessoas responsáveis pelos domicílios com rendimento superior a 20 salários mínimos



Fonte: Elaboração pelo autor (2021).

Analizando as **figuras 12 e 13**, verificamos um abismo social no mesmo eixo de concentração de renda no município, observamos a distinção na forma de condições de saneamento, (como apresentado nas **figuras 10 e 11**). Com base nos mapas de renda, constatamos um padrão bem evidente de diferenciação e exclusão social, onde os menores rendimentos estão localizados, nas bordas do perímetro urbano, principalmente nos setores leste e norte, com similaridades aos mapas de analfabetismo no município. Por fim, vale ressaltar que os maiores índices de rendimento e infraestrutura estão justamente localizados na mesma porção do município onde estão instalados quatro condomínios residenciais fechados (zona oeste da cidade).

No processo de fragmentação socioespacial é possível identificar fatores ligados ao processo de reestruturação urbana, no qual a região – ou a rede urbana – apresenta mudanças na divisão regional do trabalho e fatores relacionados ao processo de reestruturação das cidades, destacados na dinâmica intraurbana da cidade analisada. No caso de Ourinhos, mesmo com elementos quantitativos de menor número em relação ao padrão das cidades médias paulistas, identificamos elementos qualitativos importantes que apontam para mudanças profundas na estruturação da cidade. Desse modo notamos: a) como está potencializado o processo de reestruturação da cidade nos espaços residenciais fechados gerando novos padrões de segregação socioespacial; b) a intensificação da chegada de empresas pertencentes a grandes redes nacionais e internacionais; c) padrões de diferenciação socioespacial compostos por alto nível de desigualdade e segregação, revelando especificidades da lógica capitalista presente na cidade; d) confluência de interesses para a instalação de grandes espaços de consumo, neste caso o *shopping center*, implementado no ano de 2019; e) o papel regional que Ourinhos desempenha, enquanto centro regional que particulariza sua dinâmica na rede urbana; f) o nível de seletividades gerado por este conjunto de dinâmicas, mudanças, processos e novos significados urbanos, em que os padrões de relações sociais geram homogeneidade e heterogeneidade segundo os grupos de interesses e as respectivas lógicas fragmentárias. Desse modo, considerando: os níveis de descontinuidades socioespaciais presentes nas novas configurações da estrutura urbana; os novos usos residenciais, direcionados as camadas de média e alta renda em áreas da periferia; as implícitas formas de fobias urbanas que alimentam a autosegregação; os novos padrões de localização dos equipamentos urbanos; entre outros fatores, podemos identificar a

potencialidade relacionada ao processo de fragmentação socioespacial urbana presente na cidade de Ourinhos (SP).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes processos apresentados a partir do caso de Ourinhos revelam uma redefinição da relação entre centro e periferia, conforme notado em diversas cidades médias paulistas. O fato de identificarmos diversos fatores que constam na essência do processo de fragmentação aponta para uma forte tendência de mudança da estrutura da cidade.

Tomando essa análise da cidade de Ourinhos como uma forma de prospecção, podemos apontar dois cenários possíveis: no primeiro, chamamos atenção para o fato de que, embora se observe uma variedade de elementos característicos de intensas mudanças intraurbanas – próprios de cidades médias paulistas, que apresentam forte papel e intensa dinâmica de intermediação regional –, esses elementos podem não evoluir para um processo de reestruturação, permanecendo como pontos mais isolados que apenas refletem uma lógica exógena não plenamente incorporada na cidade, revelando espaços vinculados às lógicas econômicas, mas não totalmente integrados e dinamizados por essas; no segundo se daria a consequente mudança quantitativa e qualitativa das relações socioespaciais implicadas pelo processo de fragmentação socioespacial, em que os elementos de redefinição dos espaços culminariam na reestruturação da cidade ao potencializar e efetivar crescimento e novas dinâmicas intra e interurbanas a partir da cidade de Ourinhos e seu papel regional.

Os diferentes cenários apresentam algo em comum, que é o predomínio de lógicas econômicas fragmentárias nos espaços urbanos paulistas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos membros do DITER e do Laboratório de Geografia Humana da Unesp (LAGHU). Em especial, a servidora técnica Angela Peres Crespo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. A. Reestruturação urbana e criação de novas centralidades: considerações sobre os Shoppings Centers. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 12, n. 37, p. 171-184, 2011.
- AMORIN, E. M. J. C. **As cidades médias e suas múltiplas particularidades**: produção e consumo do espaço urbano em Marília - SP e Mossoró - RN. 2016. 246 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.
- BOURDIEU, P. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. 1ª ed São Paulo, Edusp, 2007.
- CARLOS, A. F. **A Cidade**. 1ª ed São Paulo: Contexto, 2005.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Tradução: A. Caetano. 1ª Reim. São Paulo. Paz e Terra, 2000.
- CATELAN, M. J. **Heterarquia Urbana**: Interações espaciais interescares e cidades médias. 2012. 227f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.
- DAL POZZO, C. F. Fragmentação Socioespacial: práticas espaciais do consumo segmentado em Ribeirão Preto e Presidente Prudente, **Revista da Anpege**, n. 16, p. 279-324, 2015.

DAL POZZO, C. F. **Territórios de autosegregação e de segregação imposta: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos**. 2011. 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

EMPLASA; SEADE. **Rede urbana e regionalização do Estado de São Paulo**. São Paulo: Emplasa, 2011. Disponível em: <http://www.emplasa.sp.gov.br/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FURINI, L. A. Os papéis de intermediação das cidades. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-13, 2011.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação de Capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

GUZMÁN RAMÍREZ, A.; HERNÁNDEZ SAINZ, K. M. La fragmentación urbana y la segregación social una aproximación conceptual. **Revista Legado de Arquitectura y Diseño**, Toluca/México, n. 14, jul./dic., p. 41-55, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Departamento de Estatística. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2018, segundo os municípios**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 10 set. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de influência das cidades**: 2007. Rio de Janeiro: 2008.

JANOSCHKA, M; GLASZE, G. Urbanizaciones cerradas: um modelo analítico. **Ciudades, Puebla/México**, n. 59, p. 9-20, 2003.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Tradução: Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999 [1970].

NEGRI, S. M. Segregação Sócio-Espacial: alguns Conceitos e Análises. **Coletâneas do Nosso Tempo**. Rondonópolis, n. 8, p. 129-153, 2008.

SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS - **Informações dos Municípios Paulistas**. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Revista Scripta Nova**, Barcelona, n. 245, v. 11, 2007. n.p.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. *In*: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B; (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, p. 123-145, 2011.

SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. **Espaços Fechados e Cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Unesp, 2013.

STAMM, C.; STADUTO, J. A. R.; LIMA, J. F.; WADI, Y. M. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, jul./dez. 2013.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.